



**Salário mínimo**

**R\$ 1.212**

Na sexta-feira

**R\$ 4,943**  
(+0,06%)

**Dólar**  
Últimas cotações (em R\$)

25/abril	4,875
26/abril	4,990
27/abril	4,967
28/abril	4,939

**Euro**  
Comercial, venda na sexta-feira

**R\$ 5,213**

**Capital de giro**  
Na sexta-feira

**6,76%**

**CDB**  
Prefixado 30 dias (ao ano)

**12,47%**

**Inflação**  
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2021	0,95
Dezembro/2021	0,73
Janeiro/2022	0,54
Fevereiro/2022	1,01
Março/2022	1,62

**O presidente Jair Bolsonaro é candidato à reeleição. A inflação de 12% ao ano pode ameaçar a vitória dele? Ele também pagará o preço pela inflação alta? Não seria incoerente a população reeleger um governante que foi leniente com a inflação?**

Esse raciocínio está absolutamente correto. Agora, ele está apostando, evidentemente, que os gastos eleitoreiros vão compensar o desgaste da inflação. Uma avaliação do ponto de vista realista diz que não. Mesmo as pessoas que recebem o Auxílio Brasil têm o valor desse benefício também erodido pela inflação. Existe um número vasto de pessoas, a maioria, que não recebe o auxílio. Elas também estão tendo os seus rendimentos erodidos pela inflação. Em resumo: é uma conta perdedora no final. Bolsonaro aposta que o auxílio, principalmente, em algumas regiões em que ele está mais fraco vai lhe permitir a reeleição. Mas acho que a inflação vai puni-lo eleitoralmente. Esse é o quadro, e vamos ver como, exatamente, ele vai decorrer nos próximos meses.

**Então, o senhor acha que a inflação pode derrotar o Bolsonaro?**

Acho que sim.

**Olhando um pouco para a questão da desigualdade, que já era elevada e aumentou muito com a pandemia, como reduzi-la? Esse fosso entre ricos e pobres só será reduzido em um próximo governo?**

Para reduzir a desigualdade, o país tem que crescer e criar empregos. O melhor programa social, o melhor programa de distribuição de renda, o melhor programa de diminuição de desigualdade que existe é a criação de empregos. Não tem dúvida. Esse é o caminho para o Brasil.

**E o país se desviou desse caminho?**

Pois é. A desigualdade se resolve com duas ações fundamentais. Primeira, a criação de empregos. As pessoas começam a trabalhar, a ter seus salários, e aqueles que estavam desempregados, onde está a raiz da desigualdade, melhoram o padrão de vida. Segunda, educação, que é um outro problema que estamos neste momento. Na educação você tem desde programas de treinamento e de qualificação do trabalhador, que aumentam a produtividade a curto prazo e diminuem a desigualdade também. E, a longo prazo, a educação é a verdadeira solução para a diminuição da desigualdade. É preciso aumentar fortemente a eficiência, o resultado e a qualidade do gasto em educação, além dos valores, para que, de fato, tenhamos uma solução de longo prazo para o problema da desigualdade. Isso, conjugado com o crescimento econômico e geração de emprego.

**O senhor há de convir que a educação não é prioridade do atual governo. Estamos no quinto ministro...**

Isso é um problema.

**Com relação às propostas dos pré-candidatos, o líder nas pesquisas falava em revogar a reforma trabalhista. Agora, diz que vai revisá-la. Como vê isso?**

Olha, eu acho que ele está mal assessorado, certamente. É algo que, num primeiro momento, tem a aparência de que o beneficia eleitoralmente, mas, na verdade, o prejudica. Porque os próprios trabalhadores vão entender que perdem sem a reforma trabalhista, pois aumentam os conflitos, cai mais ainda o emprego e se começa a ter problemas com os trabalhadores que hoje precisam ser incorporados ao mercado de trabalho, que são os de entregas e de compras eletrônicas. O que se tem que fazer é levar a reforma à frente e não voltar atrás. Isso (revogar a reforma trabalhista) é um erro grande, e é resultado de uma má avaliação.

**O senhor fala de levar a reforma trabalhista à frente e incluir os trabalhadores como os de aplicativos. Esse seria o caminho?**

Sim, porque isso está correto. São tipos de ocupações e de empregos que não existiam quando fizemos a reforma.

**O senhor ressaltou a questão fiscal de São Paulo, que entrou 2022 com mais de R\$ 50 bilhões em caixa e tem feito programas sociais importantes. Sabemos que um terço dos empregos que vêm sendo criados no Brasil estão em São Paulo. Por que o ex-governador João Doria, que é pré-candidato à Presidência, não consegue capitalizar isso e tem uma rejeição alta, inclusive, no estado que ele governou?**

É difícil dizer. Eu acho que, com o tempo e o evoluir da campanha eleitoral, isso pode ser esclarecido. A população não tem uma visão tão clara dessa realidade. O fato é que tudo isso precisa ser levado, essa informação e essa visão, para o público mais amplo. E é exatamente o que será feito, no devido tempo, com a campanha eleitoral. Ele tem possibilidades grandes de melhorar o desempenho durante o curso da campanha, na medida em que as pessoas, de fato, passem a prestar a atenção nas eleições. O que está acontecendo é muito simples. As pessoas estão preocupadas com a inflação, com o emprego, estão preocupadas em comprar, em se alimentar e em conseguir sustentar o consumo de suas casas e das suas famílias. O foco na eleição, hoje, está muito baixo. As pessoas não estão muito preocupadas com isso. Mas, em um certo momento, vão se preocupar e vão ter o foco na eleição. Aí, sim, todos esses fatores podem começar a ser levados em conta.

**Na sua avaliação, ainda tem espaço para a chamada terceira via?**

Eu acho que sim, exatamente pelo aspecto que eu estou dizendo. O eleitorado não está com a atenção voltada para a eleição. Se a pessoa não está pensando nisso e chega o pesquisador e pergunta em quem você votaria para presidente hoje, ela fala um dos dois nomes que conhece. Um que já foi presidente durante muitos anos e o Brasil cresceu naquela época e eu fui, inclusive, presidente do Banco Central; o outro, que é presidente agora. A maioria menciona um dos dois e não está acompanhando a campanha e sequer está informada sobre os candidatos da terceira via. Esse é o ponto fundamental que, eu acho, tende a mudar quando as pessoas tiverem a atenção voltada para isso.

**João Doria admitiu que pode abrir um diálogo com o PT e até mesmo ser vice da senadora Simone Tebet (MDB). A prioridade, que ficou clara na avaliação dele, é derrotar Bolsonaro. Essa também deve ser a prioridade do país?**

De fato, isso é um ponto importante. O país não vai bem. O país vai mal, e por diversos aspectos. E falamos aqui de dois aspectos fundamentais. Primeiro: o desenvolvimento econômico, seja no crescimento baixo, seja na inflação elevada, seja no desemprego elevado. E, segundo, o baixo investimento, resultado, em resumo, de uma má administração e de uma má gestão. Uma boa gestão é fundamental para o país. E tudo isso mostra que, de fato, a hora é de mudança.

**Dado essa questão dos conflitos e dos choques das instituições e das tentativas de minar a democracia, vemos especialistas do seu porte dizendo que, neste momento, não tem que olhar para o teto de gastos e reformas, mas se preocupar com a democracia. Nesse sentido, o Brasil aguentaria mais quatro anos de Bolsonaro?**

Eu acho que o país iria sofrer muito, caso ocorresse isso. Seria um desastre. E o problema é que



**O eleitorado não está com a atenção voltada para a eleição. Se a pessoa não está pensando nisso e chega o pesquisador e pergunta em quem você votaria para presidente hoje, ele fala um dos dois nomes que ele conhece"**

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**Quando assumi a presidência do Banco Central, o Brasil devia ao FMI (Fundo Monetário Internacional) US\$ 30 bilhões e tínhamos apenas US\$ 15 bilhões em reservas. Então, os números falam por si. Não preciso de grandes respostas, porque a realidade já responde"**

a história nos diz que tudo que está ruim tem espaço para piorar mais. Esse é o ponto. Nós temos que evitar que isso aconteça, sem dúvida.

**E em um eventual governo Lula, o senhor voltaria se fosse convidado? O senhor ficou oito anos à frente do Banco Central, um dos mandatos mais longevos...**

Foi o mais longo. Eu tenho uma postura a esse respeito que eu sempre segui em toda a minha vida profissional que é a seguinte: eu não tomo decisão por hipótese, caso aconteça. Eu tomo decisões sobre fatos concretos. Então, no momento, eu não penso nisso e não vou tomar decisão frente a uma série de vai acontecer isso ou aquilo. Agora, estou trabalhando na coordenação do plano econômico do Doria. Vamos frente. No futuro, vamos ver exatamente qual será a realidade e tomar as devidas decisões de acordo com ela.

**O Brasil tem jeito?**

Certamente. Mostramos isso, por exemplo, não só quando estive no Banco Central e controlamos a inflação que estava muito alta naquela época e equilibramos a situação cambial, mas também, depois, quando assumi o Ministério da Fazenda, em 2016. Naquele ano, o Brasil estava em uma recessão e o PIB brasileiro, de junho de 2015 a maio de 2016, tinha caído 5,2%. Tivemos o país da recessão. De dezembro de 2016 a dezembro de 2017, o Brasil cresceu 2,2%. Ou seja, caiu 5,2% nos 12 meses anteriores até assumirmos o governo, e, depois que foram aprovadas as medidas fundamentais e durante aquele ano completo em que estivemos no governo com as políticas todas funcionando, o país cresceu 2%. Então, é possível sim. Acredito, sim, que o Brasil pode voltar a crescer, e de forma robusta. Foi um governo muito curto e houve um efeito importante.

**O melhor programa social, o melhor programa de distribuição de renda, o melhor programa de diminuição de desigualdade que existe é a criação de empregos. Não tem dúvida. Esse é o caminho para o Brasil"**

**Então dá para chamar o Meirelles de novo, citando o lema da sua campanha?**

Vamos ver.

**Recentemente, o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, em uma conversa com empresários, disse que a política monetária de Roberto Campos Neto é melhor do que a sua à frente do Banco Central. Pode comentar essa provocação?**

Olha, acho que o ponto é o seguinte: os números falam por si em relação à minha gestão, ao período em que estive no Banco Central. Se olharmos o período de 2005 a 2010, quando a política monetária já estava estabelecida, com a meta de inflação já fixada em 4,5%, naqueles cinco anos, a inflação foi exatamente 4,5%. E, durante todo o período em que estive no BC, o país cresceu 4%, na média dos oito anos. Mas, se pegarmos a média de 2005 a 2010, foi 5%. O mais importante, se olharmos a base disso, é que a política monetária e o efeito dela mantiveram a inflação na meta de 4,5% durante todo o período em que ela foi estabelecida, até 2010. E a média foi de 4,5%. Acumulamos quase US\$ 300 bilhões em reservas internacionais. Quando assumi, o Brasil devia ao FMI (Fundo Monetário Internacional) US\$ 30 bilhões e tínhamos apenas US\$ 15 bilhões em reservas. Então, os números falam por si. Não preciso de grandes respostas, porque a realidade já responde.

**Muitos falam que o governo Lula foi beneficiado pela alta dos preços das commodities, e que não soube aproveitar. As reservas cambiais que temos hoje decorrem disso, certo?**

Sim. E mais: a alta da commodities está acontecendo agora. E isso não levou o país a aquele crescimento e nem a controlar a inflação. Nada disso. E (a alta das commodities no governo Lula) foi num período em que enfrentamos a crise de 2008, que foi, única, com resultados catastróficos no mundo. E enfrentamos com sucesso. Em resumo: houve eventos positivos naquela época, e, depois, algo mais forte e negativo, que foi a crise de 2008. E enfrentamos situações positivas e situações extremamente negativas.

**O mundo, hoje, vê o país com muitas reservas. O senhor acha que o mundo vai voltar a comprar o kit Brasil?**

No momento em que façamos as coisas certas, e o Brasil começar a respeitar o teto de gastos, respeitar as regras fiscais, respeitar o meio ambiente, e o governo adotar um discurso consistente em outras áreas, como a questão sanitária, (o país recupera a credibilidade). Assim que o Brasil voltar a adotar esse discurso, será respeitado. No período em que eu estava no Banco Central, a revista *The Economist* publicou na capa o Cristo Redentor decolando feito um foguete. Então, é possível, perfeitamente. Nós já fizemos isso e pode ser feito novamente. Não há dúvida.

**Neste ano, temos uma meta de 3,5%, indo para 3,25% em 2023. Esse objetivo cadente é factível, na atual conjuntura, ou veremos uma revisão, já que muitos economistas falam que a inflação estrutural do Brasil é acima de 4%?**

O ponto é o seguinte: é possível ter metas menores. A maioria dos países emergentes têm metas de inflação ao redor de 3%. É factível, não há dúvidas. Já tivemos, inclusive, inflação ao redor de 3%, quando eu estava no Ministério Fazenda. Naquela época, a inflação ficou abaixo do piso da meta (de 3%, em 2017). Então, é absolutamente possível. Já mostramos isso. Basta fazer o que é correto, não apenas o correto na política monetária, mas também o correto na política fiscal. Isso é que é importante. Como fizemos naquela época? Aprovamos o teto de gastos, respeitamos o teto e, ao mesmo tempo, com uma política monetária austera, levamos a inflação à meta.

**Então, o senhor acha que não é preciso mudar a meta de inflação neste ano?**

Não. Mudar a meta de inflação seria um mau sinal, um sinal de leniência e de conformismo com uma inflação elevada. O que temos que fazer é um trabalho de restauração do teto de gastos e de convergência para a meta. Pode até fixar, como fizemos em 2003, um programa intermediário de convergência para o objetivo inflacionário. Agora, a meta tem que ser mantida.

**O senhor já definiu seu futuro político? Vai ser vice ao governo de São Paulo ou se candidatar ao Senado?**

Vou definir nos próximos 30 dias.